

A APARENTE LEVEZA DOS BALÕES

Fotografias de Flávia Junqueira dão desdobramentos incontáveis e controversos à qualidade do que pode flutuar

Por Tatiane de Assis

A leveza, que nos captura em um primeiro momento nas obras de Flávia Junqueira, também está presente na voz da paulistana. Calma e solícita. Contudo, não confunda a ausência de sisudez com uma pesquisa artística superficial. O deslumbre visual dos trabalhos da artista é só a pontinha de um fio, que nos faz navegar pelo debate entre o que convencionou-se chamar de culturas erudita e popular. Em Teatro da Paz #1 (2010), por exemplo, vemos o prédio de 1878, localizado em Belém do Pará, ser atravessado por três cordões com pouco mais de trinta balões de látex coloridos, enfi-

leirados. A opulência da construção de arquitetura neoclássica se impõe, mas não consegue deter a referência ao imaginário das festas juninas, que tomam o Brasil no meio do ano. A cortina vermelha de caimento aparentemente simétrico, o lustre imponente que se combina com um afresco minucioso no teto central, são então obrigados a criar uma nova vida, com aquelas bandeirolas estilizadas (em Goiás, estado no interior do país, usa-se esse termo para se referir a esse item; em São Paulo, usa-se, porém, bandeirinhas). Aqui, a lembrança das pinturas de Alfredo Volpi (1896-1988) podem surgir, mas tem mais cal-



do na mistura que Flávia faz. Aparentemente inofensivas, as fotografias-performances nos seduzem com suas cores e arranjo harmônico. Nos conduzem, sem um grito sequer, a uma questão cara, a captura de manifestações populares pela indústria. Com lábia maior ainda, nos deixam em um beco sem saída, como fazer uma análise dessa apropriação de forma maniqueísta, se ali, naquele lugar, ela quebra com uma das várias expressões do elitismo? Se naquele teatro, aqueles balões pasteurizados parecem um sopro de igualdade, em contraste a signos que buscam marcar e sublinhar diferenças entre classes sociais e sussurrar quem está a altura ou não de estar ali.

“Ao mesmo tempo que eu falo de leveza, eu uso látex, que é um plástico, firme, e não carrega essa característica. Também tem cores fortes, berrantes. Não me restrinjo igualmente ao branco ou à transparência”, explica Flávia, nos conduzindo para outras facetas de sua relação com a qualidade do que parece flutuar. “Os espaços onde eu entro são muito carregados de história, seja uma ruína, como o Parque Lage, seja um teatro. Ao inserir balões naquelas paisagens, eu construo uma relação controversa”, continua ela, que exemplifica isso a partir de Revoada, sua exposição em cartaz no Farol Santander, em São Paulo, até 10 de janeiro de 2021: “Quando as pessoas entram na instalação, o caráter lúdico das bexigas, que se comunica com a leveza, encontram o caos. Esse excesso de elementos, para mim, por sua vez, se ligam à ideia da memória como um aglomerado de flashes, em que a gente não enxerga nada direito.” O resultado dessa equação é, no mínimo, inesperado: “Muita gente me diz que gostou, mas que saiu rápido, porque sentiu náuseas.” Também é importante falar da qualidade da matéria-prima utilizada por



Flávia, porque nos ajuda a entender o modo como a artista trabalha a ideia de leveza, que flerta também com a transitoriedade. “Depois de oito horas, tempo em que as bexigas se esvaziam, aquelas construções voltam a ficar vazias. Sou eu quem seguro, com a câmera, com a foto, aquela cena, que a gente também pode chamar de paisagem encenada.” No rol de materiais, que a paulistana utiliza e que também namoram o efêmero, estão as bolhas de sabão e o catavento. “Todos esses objetos precisam do ar para existir, são parecidos com o nosso pulmão. Da mesma forma que eles, estamos cheios de ar, mas não o vemos, mesmo sendo o elemento que nos faz vivos.”

Ainda nesse caminho, que trata da existência, chegamos a outra camada do trabalho de Flávia, que pode ser tomada como um ponto final de uma interpretação provisória. “Em uma conversa com o curador da exposição, o Paulo Herkenhoff, ele dizia que cada balão ali, no fundo, representa um personagem. É aquilo que a gente quer se identificar, quer acreditar que pode ser.” Como entre essa imagem idealizada e os ossos que nos constituem, existe uma distância grande, as fotografias da paulistana podem funcionar ora, como uma miragem para quem não acredita em utopias. Ora, como um horizonte, para os mais otimistas, que preferem crer, que com os pulmões cheios e em busca do movimento, podem alcançar mudança. Mesmo que ela seja breve e que no momento posterior, seja um frame de um passado, que serve infinitamente ao acalento de outras mais renovações.